ethic@
https://doi.org/10.5007/1677-2954.2023.e91425

[TRADUÇÃO]

HETERODOXIA SOBRE A COVID EM TRÊS CAMADAS

COVID HETERODOXY IN THREE LAYERS

PETER GODFREY-SMITH
(*University of Sydney/Austrália*)

Tradução: Victor Machado Barcellos
(UFRJ/Brasil)
Roberto Horácio de Sá Pereira
(UFRJ/Brasil)

RESUMO

Os lockdowns e as políticas públicas relacionadas à restrição comportamental e econômica, introduzidas em resposta à pandemia de COVID-19, são criticadas com base em três conjuntos de ideias e argumentos organizados de acordo com o provável grau de controvérsia associado aos pressupostos que os guiam. O primeiro conjunto de argumentos faz uso do raciocínio custo-benefício no quadro de uma abordagem utilitarista ampliada, enfatizando a incerteza, o papel dos piores cenários e a necessidade de se considerar pelo menos tanto os efeitos imediatos quanto os de médio prazo. O segundo baseia-se nos pressupostos sobre os valores políticos das liberdades básicas. O terceiro baseia-se em ideias sobre os papéis dos diferentes estágios na vida humana.
Palavras-chave: COVID-19; Lockdown; Custo-Benefício; Liberdade.

ABSTRACT

Lockdowns and related policies of behavioral and economic restriction introduced in response to the COVID-19 pandemic are criticized, drawing on three sets of ideas and arguments that are organized in accordance with the likely degree of controversy associated with their guiding assumptions. The first set of arguments makes use of cost–benefit reasoning within a broadly utilitarian framework, emphasizing uncertainty, the role of worst-case scenarios, and the need to consider at least the medium term as well as immediate effects. The second draws on assumptions about the political value of basic liberties. The third draws on ideas about the roles of different stages within human life.
Keywords: COVID-19; Lockdown; Trade-off; Liberty.

Introdução[1]

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons.

No começo da pandemia de COVID-19, no início de 2020, muitas vezes me recusei a apoiar medidas que foram tomadas e outras tantas vezes me surpreendi com as mesmas.[2] E a minha posição continua sendo a mesma. Muitos países desenvolvidos optaram por impor restrições severas ao comportamento e à atividade econômica por longos períodos de tempo. Me oponho a muito disso. Na linguagem que se tornou familiar, geralmente me oponho aos "*lockdowns*". Esse termo se refere a um conjunto de políticas públicas que difere significativamente ao longo dos contextos—a diversidade dessa categoria será discutida abaixo—. Porém, as restrições que tenho em mente incluem escolas online, fechamento de comércio e a imposição de restrições à circulação das pessoas e interações ordinárias.

As razões da minha discordância formam uma série de "camadas", em certo sentido, onde o que as distingue é o quão não ortodoxo considero os pressupostos ou as premissas utilizadas no argumento. Não vejo alguns dos meus raciocínios como especialmente controversos em princípio, ao passo que outras partes fazem uso de ideias mais contenciosas. A ordenação não é essencial; pode-se aceitar algumas ideias "mais" controversas e rejeitar algumas "menos" contenciosas.

A primeira camada examina os custos e os benefícios dos lockdowns em uma abordagem cujo objetivo é o melhor com o mínimo de dano. Especialmente quando consideramos todas as idades, analisando os efeitos na desigualdade e o fator do longo prazo, existe uma grande chance de que os lockdowns irão, ao menos em muito dos casos, causar mais dano do que bem. É difícil de ter a certeza—parte do meu foco será a incerteza em si mesma, e como pensar sobre os diversos tipos de pior dos cenários. Mas há razões para duvidar, especialmente que os lockdowns prolongados e em larga escala sejam benéficos em geral.

A segunda camada considera como algumas das restrições que foram frequentemente introduzidas nas sociedades ocidentais se relacionam com as liberdades básicas e os papéis do policiamento e da coerção. Mesmo que os lockdowns possam fazer mais bem do que mal pelo critério discutido na camada 1, em muito dos casos os lockdowns envolvem a supressão da liberdade e da autonomia, que possuem as suas próprias importâncias e são uma base para a reconsideração.

A terceira camada se utiliza de ideias sobre a forma geral que buscamos para as nossas vidas, a natureza das experiências valiosas e significativas, os papéis das aspirações e do medo, e como as situações de pessoas mais jovens e mais idosas devem ser consideradas nas decisões de políticas públicas. Vejo esses fatores não como um argumento independente contra os lockdowns—como os da segunda camada em

princípio poderiam ser considerados—, mas como afetando os outros argumentos ao influenciar a ponderação relativa dos fatores. Em nossa situação atual, alguns riscos à saúde poderiam ser reduzidos ao se diminuir as oportunidades de longo prazo que os mais jovens possuem, e também ao se reduzir o contato humano, incluindo o contato com outras pessoas próximas do fim da vida. Se se acredita que algumas atividades desempenham um papel especial na promoção de uma vida que valha a pena ser vivida, a redução de risco em si nem sempre será algo a ser defendida quando se suprime tais atividades. Em particular, temos a responsabilidade de não limitar e degradar os caminhos de vida que estão abertos aos mais jovens.

Meu objetivo é fornecer razões para repensarmos, e principalmente rejeitarmos, políticas públicas do tipo lockdown, dada a sua rede total de efeitos tardios (*downstream effects*). Quais deveriam ter sido as políticas corretas em resposta à pandemia e quais deveriam ser as de agora? Em geral, penso que o objetivo correto é retardar a propagação do vírus e proteger os sistemas de saúde através de uma série de medidas que não são muito destrutivas em outros aspectos—não são destrutivas dos meios de subsistência, educação, liberdades básicas e formas essenciais de contato humano. Minha discussão está centrada principalmente com as democracias do mundo desenvolvido (embora considere algumas vezes um contexto internacional mais amplo). As restrições variam em rigor e duração e, em algumas circunstâncias, confinamentos breves podem produzir algum benefício. Porém, como a experiência mostrou ao longo do ano passado, os lockdowns se tornaram uma armadilha. Em geral, e especialmente a partir de agora, apoio não fechar as escolas e a diminuir as restrições à atividade econômica e à vida normal. Os jovens estão sendo obrigados a pagar um preço muito alto.

A iniciativa política mais organizada contra os lockdowns é a Grande Declaração de Barrington, que defende a "proteção focada" [1]. Ela envolveria o uso significativo de recursos de modo a permitir que os idosos e aqueles com problemas de saúde fossem mantidos em segurança durante os surtos (por exemplo, pagando os salários dos trabalhadores mais idosos e enfermos que não podem trabalhar de casa), enquanto os mais jovens viveriam normalmente. Estou parcialmente de acordo com essa abordagem.[3] Aprendi que ao indicar esse acordo fizeram muitos inferirem que não levo a sério a Covid como um problema, que quero ativamente ver pessoas infectadas com o vírus e/ou que apoio um tipo de libertarianismo extremo.[4] Gostaria de deixar claro logo de início que essas não são as minhas convicções. Levo o problema da Covid inteiramente a sério e argumento a partir de uma posição política de centro-esquerda,

especialmente em questões econômicas. Uma razão que tenho para escrever este artigo é a preocupação com a polarização política nesta área, a ausência de uma troca construtiva e a consideração de posições intermediárias.

Primeira camada: o balanço de danos

Nesta seção, assumirei que temos o objetivo de minimizar os danos durante e após a pandemia, trabalhando com ideias padrões justificadas sobre o que é dano. Ao longo deste artigo, trabalharei dentro do que considero ser os pressupostos amplamente aceitos sobre mortalidade e outros danos imediatos que a própria Covid trouxe. Mais de 4,7 milhões de mortes foram atribuídas à Covid em todo mundo, incluindo mais de 670.000 nos EUA [2]. A maioria dos óbitos foi de idosos, muitos com outros problemas de saúde. Em muitos (mas não todos) os países, a idade média relatada de morte por Covid tem sido aproximadamente a mesma idade que a expectativa de vida naquele país – 78 nos EUA, 83 na Inglaterra e País de Gales, 86 na Austrália [3-5]. Especialmente à luz desse fato, contabilizar os "óbitos em excesso" por todas as causas – o número total de mortes durante algum período (uma semana, um ano), comparado a alguma média ou linha de base aplicável a esse período (e. g., a média de uma determinada semana ao longo dos últimos 5 anos, ou a média por ano ao longo de 5 anos) é muitas das vezes mais apropriado, embora possa ser mais controverso em razão dos efeitos dos lockdowns e das políticas relacionadas à mortalidade. Os EUA tiveram mais de 522.000 óbitos em excesso entre março de 2020 e o final do ano, cerca de 23% a mais do que o esperado [6].

A "taxa de óbitos por infecção" da Covid (chance de morte, se infectado) depende sobretudo da idade e também pode diferir entre as variantes do vírus. Com base em [7], um artigo que compara muitos países, a primeira faixa etária para a qual a chance de morte, se infectada, é superior a uma em mil é em torno dos 40 a 44 anos. A primeira faixa etária para qual a chance é de uma em cem é de 65 a 69 anos. Para as pessoas em idade escolar e universitária, a taxa de mortalidade por infecção é inferior a uma em dez mil. A taxa é muito maior quando uma pessoa atinge a faixa dos 80, cerca de um em dez. Portanto, a taxa de mortalidade por infecção para um país depende de sua distribuição de idades. Os números aceitos para as democracias ocidentais giram em torno de 0,25% a 1%.[5] A Covid também causa muitos danos além da mortalidade, incluindo efeitos de longo prazo em alguns daqueles que sobrevivem ("Covid longa"), que discutirei no final desta seção.

O argumento deste artigo é que, embora a Covid seja um problema sério, os lockdowns (e algumas restrições relacionadas—veja abaixo) não são, em geral, uma resposta apropriada. Confinamentos (*resetings*) breves podem valer a pena em algumas circunstâncias, mas os lockdowns tendem a criar raízes, permanecendo por meses em muitos casos e repetidos quando as infecções aumentam. Defenderei que restrições deste tipo constituem uma política pública ruim em pelo menos muitos contextos. Com uma esmagadora atenção focada na redução de casos de Covid em uma situação na qual os jovens não correm grandes riscos, outras fontes de danos são negligenciadas. Alguns desses danos são claros e concretos (interrupção da educação, falências) e outros são mais difíceis de mensurar, incluindo os diversos efeitos da desigualdade e as consequências de educar os filhos em uma atmosfera de isolamento e medo. As decisões nas democracias desenvolvidas, que são o meu foco principal, também possuem efeitos no mundo em desenvolvimento, onde uma catástrofe sanitária decorrente de programas de saúde paralisados e da fome vem crescendo. De certa forma, o problema internacional supera inteiramente os problemas locais nos países desenvolvidos, porém discutirei principalmente os efeitos "locais" dos lockdowns, aceitando para os propósitos atuais que os governos têm uma responsabilidade especial com as suas próprias populações. O caso é fortalecido se o lado internacional for incluído [8].

Fazer um argumento geral aqui pode parecer difícil em virtude da diversidade de medidas observadas em diferentes contextos. Alguns pensam que "lockdown" não é uma categoria de política pública real o suficiente para ser alvo de crítica.[6] Minha resposta é discutir as políticas públicas com as quais estou preocupado individualmente, não me preocupando exatamente quando os "lockdowns" começam e terminam. E embora a diversidade seja real, essas políticas públicas também são unificadas de maneiras óbvias. Existem motivações comuns por trás do fato de que muitas crianças americanas perderam mais de um ano de escola pública presencial e o fato de uma mulher na Austrália ter sido presa e algemada por defender a realização de um protesto pacífico e com máscaras no Facebook. Esses eventos suscitam questões diferentes, mas ocorrem como respostas para o mesmo problema e justificativas semelhantes foram oferecidas. Abaixo, tratarei a categoria de "lockdown" de maneira bastante vaga – no jargão filosófico, pode ser visto como um conceito facetado (*cluster concept*) – e deixarei de lado o termo para discutir políticas públicas específicas em vários contextos.

Um problema mais desafiador surge com o tipo de argumento que estou tentando apresentando. Digo que o foco intenso em danos médicos imediatos está deixando de lado a consideração de danos mais dispersos,

variados e de longo prazo decorrentes de negócios fechados, educação interrompida, alienação e afins. Mas esses danos serão mais difíceis de contabilizar e quantificar e, muitas vezes, serão inerentemente mais imprevisíveis uma vez que envolvem longas trajetórias causais que se movem através de redes afetadas por outros fatores. Como alguém pode argumentar que através de lockdowns podemos estar causando mais mal do que bem, se os danos que estou enfatizando são tão sensíveis a outras ações e difíceis de prever e quantificar? Não deveríamos nos concentrar nos danos de curto prazo sobre os quais podemos ter mais controle? Isso seria um erro. A incerteza sobre os danos de longo prazo não os torna menores ou menos importantes. Lidamos com as ameaças de danos de longo prazo o tempo todo em outras áreas. A política ambiental é um exemplo, mesmo que muitas das vezes não tenhamos nos saído especialmente bem nesse caso. A dificuldade de considerar o médio e longo prazo não é motivo para basear a política apenas no curto prazo.

A política pública no último ano foi orientada por epidemiologistas e oficiais de saúde—pessoas com foco profissional em um tipo de dano. Ela também está focada espacialmente nos cenários pessimistas e no pior dos cenários (o "pior dos cenários razoáveis" tiveram um papel importante na política do Reino Unido em 2020: [13]). Eles não querem subestimar ou sub-prever os danos do tipo particular com o qual estão preocupados. Em algumas configurações de políticas públicas, a tendência de se concentrar em resultados particularmente ruins, mesmo quando eles são improváveis, pode ser prudente, e muitas economias podem absorver alguma quantidade de excessiva preparação e cautela. Uma imagem no plano de fundo opera na qual exagerar em uma resposta pode ser insatisfatório, mas não fazer o suficiente pode ser catastrófico.

Nas circunstâncias em que estamos agora, esses hábitos de avaliação se tornam um problema devido ao tamanho dos custos do outro lado – os danos ocasionados pelos lockdowns.[7] Embora os cenários pessimistas do lado da saúde sejam muito salientes, por outro lado eles raramente são discutidos. Esses são, novamente, os efeitos do deslocamento econômico e do desemprego, como também os efeitos da educação interrompida, com cada um deles acarretando consequências severas para a desigualdade. Aqui, como a própria Covid, estão disponíveis ambas as imagens pessimistas e otimistas do que pode acontecer. Não estou sugerindo que os lockdowns na escala de algumas semanas tenham casos significantes de pior dos cenários, e é aí que os lockdowns tendem a começar. No entanto, uma vez impostos em uma escala de meses, a situação muda de figura. As consequências dessa quantidade de desestruturação econômica e de outras desestruturações podem nos levar a um colapso total na ordem social. As

consequências de expandir subitamente o fosso educacional entre as crianças ricas e pobres, devido à maior capacidade das famílias ricas de manter a educação de seus filhos durante o fechamento das escolas públicas, certamente serão ruins e podem – novamente em um cenário pessimista—serem catastróficas. Porém, durante todo o ano de 2020 e depois, a preocupação pessimista com a Covid e seus efeitos na saúde foi continuamente destacada, enquanto a preocupação comparável sobre os efeitos dos lockdowns foi deixada de lado. Por um lado, a política pública foi justificada por meio do pior dos cenários em relação ao próprio vírus, e por outro de maneira otimista: "as pessoas se ajustarão e reconstruiremos as coisas de maneira melhor."

É simplesmente um erro se considerar o pior dos cenários de um lado, mas não de outro. Uma interpretação pouco caridosa da situação é que os cenários que conduziram as políticas públicas não foram o pior dos cenários em geral, mas antes o pior dos cenários pelos quais as pessoas que tomam decisões hoje podem ser responsabilizadas. As altas taxas de mortalidade entre 2020 e 2021 estão nessa categoria. Resultados ruins em anos futuros, filtrados por outras causas, não estão nessa categoria. Ao contrário de alguns críticos dos lockdowns, creio que a maioria das pessoas que tomam decisões (das quais discordo) está dando o melhor de si. Mas alguns dos incentivos locais que operam em situações como essa têm a capacidade de causar problemas. E mais uma vez, boa parte desse erro pode ser explicado por essa tendência de começar, no início de 2020, com as estratégias de lockdowns que se aplicam ao longo de algumas semanas, quando as exigências são menores, e não repensar – ou achar difícil de escapar—quando as escalas temporais se tornam maiores.

Talvez como eu seja alguém cuja vida foi construída com tão boas oportunidades educacionais que essa faceta do problema pareça especialmente urgente para mim. Abundam dados sobre os efeitos diferenciados sobre fechamento de escolas (relacionado à Covid) sobre crianças ricas e pobres, e também sobre crianças de diferentes origens raciais [16]. Neste particular, os EUA são o caso extremo, onde muitas escolas públicas urbanas forneceram apenas aulas online durante a maior parte de 2020 e continuaram assim por boa parte de 2021. As escolas privadas, na maioria dos casos, permaneceram abertas, e mesmo quando as crianças ricas não estavam nas salas de aula, as circunstâncias de vida eram mais propícias para a obtenção de algum benefício das aulas online. As escolas relataram queda nos resultados dos testes e aumento do descompasso entre os grupos raciais. Algumas crianças parecem ter literalmente retrocedido em capacidades e conhecimento, e o grau de distanciamento face à própria atividade da educação também é alarmante.

Quais serão os efeitos disso tudo daqui a dez anos? Os EUA estão permanentemente em estado de alguma tensão devido à forma como a desigualdade espelha as diferenças raciais. A educação é provavelmente a principal forma, ainda que imperfeita, de amenizar tais desigualdades: em uma sociedade meritocrática com uma economia de mercado, a educação é *o* caminho para a ascensão. Para uma pessoa inteligente de baixa extração social, as oportunidades educacionais podem ser transformadoras de vida. O fechamento das escolas no período de semanas pode ter efeitos especialmente maléficos na formação de uma criança—embora nesse caso certamente se possa imaginar a possibilidade de recuperação. Mas quando uma criança de 13 anos, de baixa extração social, perde mais de um ano de escolaridade presencial—enquanto crianças mais afortunadas da mesma idade avançam... Se desse lado os "pior dos cenários razoáveis" tivesse peso real, nunca, ou apenas muito brevemente, fecharíamos as escolas em razão da Covid.

O que se aplica à educação também se aplica à socialização dos mais jovens nos anos anteriores à escola, ao desemprego e ao fracasso dos pequenos empreendimentos, à saúde mental e a muito mais.

Portanto, podemos observar um problema estrutural em muitas discussões em torno das políticas de lockdown: não devemos acomodar opções pessimistas de um lado, mas não de outros. A inocuidade da reação exagerada em alguns contextos de políticas de saúde não se aplica quando toda a vida normal está sendo interrompida e as vidas das pessoas já desfavorecidas são viradas do avesso. Expressar essas coisas não é, novamente, dizer que as projeções pessimistas nessa área são precisas. Meu ponto é que não devemos basear nossas ações no pior dos cenários pensando de um lado, mas não de outro.

Feitas essas ponderações gerais sobre a incerteza, passo para as perguntas sobre a eficácia dos lockdowns e os seus custos mais imediatos. O conhecimento que temos sobre esse tópico se encontra em fluxo contínuo à medida que medidas são introduzidas e abandonadas em contextos diferentes, que surgem formas variantes do vírus e à medida que informações de diferentes tipos são coletadas. Projeções confiantes feitas de muitos lados não foram apenas ultrapassadas, mas esmagadas pelos eventos. Como acima, a visão apresentada aqui está condicionada ao reconhecimento de incerteza. Em algumas situações especiais, como os que apresentam baixos níveis de infecção no momento em que as decisões são tomadas e há a possibilidade de controle rígido das fronteiras, os lockdowns podem atingir o objetivo pretendido ao menos por um tempo. Isso é o que observamos até agora na Nova Zelândia e o que a Austrália alcançou até meados de 2021. Mas em outros cenários – Argentina, França, Peru, Reino

Unido – lockdowns rígidos não foram bem-sucedidos. Especialmente quando o vírus se espalhou e o rastreamento dos contatos não conseguiu acompanhar todos os casos, eles não se mostraram muito eficazes. Um estudo comparativo detalhado que analisou 160 países e uma gama de fatores (geográficos, economia, políticas...), descobriu que o rigor das restrições e o uso de lockdowns "não pareciam estar relacionados à taxa de mortalidade".[8]

Debates recentes nas redes sociais tendem a indicar que os lockdowns "funcionaram" uma vez que tiveram algum efeito imediato na disseminação do vírus, sem considerar se isso fez diferença no médio prazo e se fez mais bem do que mal [21]. Embora seja certamente difícil de descobrir se eles fizeram mais bem do que mal em um caso particular, falar de lockdowns "funcionando" uma vez que eles apenas retardaram a transmissão por um curto período de tempo é uma redução enganosa da barra de qualidade.

A Suécia e a Flórida (EUA) tornaram-se casos teste importantes. A Suécia aplicou um "toque leve" à Covid, com distanciamento voluntário e escolas mantidas abertas para a maioria das idades. As empresas eram livres para operar com algumas restrições de números. Como resultado, ao longo de 2020, a Suécia foi o foco constante de narrativas concorrentes e reportagens distorcidas de vários tipos. Uma esperança inicial dos observadores que se opunham aos lockdowns era a de que a Suécia atravessasse a primeira e única "onda" de Covid com taxas de mortalidade ligeiramente elevadas, mas apresentando um quadro melhor no longo prazo. Um aumento da taxa de infecção no inverno de 2020-2021 mostrou que essa esperança não encontrava amparo na realidade. O número total de mortes por Covid vistas na Suécia até o final de março de 2021 foi superior a 13.000. Em comparação com a média dos cinco anos anteriores, a Suécia teve cerca de 7.000 mortes a mais em 2020, onde isso representava cerca de 7% da mortalidade do ano (menos se for feito um ajuste por idade) [22]. Isso colocou a Suécia na média das taxas de mortalidade mais altas entre os países europeus, melhor que a França, Bélgica, Espanha, Itália e o Reino Unido, mas pior que a Alemanha e os outros países nórdicos. Tanto aqueles que esperavam que a Suécia saísse ilesa quanto aqueles que previam um desastre estavam errados. Entre os estados dos EUA, a Flórida abrandou quase todas as restrições para a Covid em setembro de 2020. Apesar das previsões de desastre, a Flórida se encontrou no meio do ranking de estados por taxas de mortalidade por Covid até julho de 2021.

Na metade de 2021 observou-se desdobramentos em ambos esses casos, tendendo em direções opostas. Em agosto, na Flórida observou-se um aumento de casos que a levou ao topo das taxas de hospitalização e

mortalidade nos EUA. Essas taxas caíram acentuadamente desde então, mas o quadro geral no caso da Flórida permanece diferente de como se parecia no início de 2021 (com o estado atualmente em torno da 10ª maior taxa de mortalidade geral, ao invés de cerca de 26ª) [23]. A Suécia, por outro lado, registrou recentemente um número significativamente baixo de casos e, especialmente, de mortes [24].

Os efeitos resultantes (*net effects*) dos lockdowns, considerando as consequências econômicas, foram examinados através de modelagem e estudos comparativos. Estes produziram resultados muito diferentes, alguns indicando custos enormes dos lockdowns e outros praticamente nenhum dano. A incerteza sobre a questão não é surpreendente, dadas as dificuldades de avaliar os contrafactuais relevantes, mas alguns dos resultados podem ser vistos como refletindo maneiras questionáveis de se estabelecer uma comparação. Por exemplo, Grafton et al. [25], analisando o caso australiano, argumentaram que as regras de distanciamento social mais rígidas são melhores tanto para a saúde quanto para a economia. Para o custo de mortalidade da Covid, eles avaliaram cada vida perdida em 4.9 milhões de dólares australianos. Esse número não é arbitrário e é usado em alguns planos políticos, contudo, ele não leva em consideração a idade – o número é o mesmo para uma vida perdida aos 5 e aos 90 anos. O uso desses números sem considerar alternativas que levem em conta a idade é um problema. Um artigo complementar usando um modelo diferente [26] leva em consideração a idade da morte. Um problema para este segundo artigo, e para muitos outros, é que quando uma política de não-lockdown é modelada (em oposições a lockdowns tardios ou brandos, como em [25]), presume-se que nenhuma modificação significativa do comportamento voluntário ocorre à medida que o vírus se espalha – as pessoas não mudam os seus comportamentos à medida que aumenta a ameaça ao seu redor. Allen [20] argumenta que a negligência sobre a mudança comportamental voluntária tem sido uma falha consistente na modelagem de lockdown e um importante fenômeno empírico por toda a parte. Na ausência de lockdowns estritos, quando as taxas de infecção são altas as pessoas alteram voluntariamente os seus comportamentos de uma maneira que reduz a transmissão, ademais o cumprimento de lockdowns muito rígidos também é limitado. Os modelos que ignoram essas escolhas voluntárias exageram o efeito dos lockdowns.

Miles et al. [27] analisaram o caso do Reino Unido em meados de 2020. Eles pretendiam averiguar se os custos dos lockdowns impostos até aquele momento faziam sentido, considerando o quanto o governo do Reino Unido costuma gastar em um tratamento para preservar uma vida humana por um ano. Eles estavam dispostos a assumir que uma morte típica de

Covid reduzia uma vida em cinco ou dez anos em média. Eles usaram 30.000 libras como uma medida padrão do NHS do Reino Unido pré-Covid para o custo máximo de um tratamento que aumenta a expectativa de vida em um ano (ajustado pela qualidade), e também consideraram a duplicação desse número. Utilizando uma gama de valores diferentes para outros números-chave, eles acharam quase impossível (um cenário em oitenta, com cada número definido em seu valor mais pró-lockdown) que os benefícios do lockdown superassem os custos.

Alguns defensores dos lockdowns citaram amplas associações positivas em diversos países entre se sair bem com as taxas de mortalidade ou de casos por Covid e se sair bem economicamente – isso é levantado para mostrar que não há comparação entre os dois objetivos. Mas os gráficos que vem sendo apresentados estão, em muitos casos amparados na parte "bem-sucedida" por países como Coreia do Sul e Taiwan, que não tiveram lockdowns durante o período coberto pela análise, e na parte "malsucedida" por países como Itália, Peru e Reino Unido, que tiveram lockdowns rigorosos, mas apresentaram um grande número de mortes e problemas econômicos. (Os exemplos estão na nota.[9]) A existência de histórias de sucesso para a saúde onde não foi empregado lockdown e o PIB na Ásia, juntamente com desastres em ambas as frentes em alguns países europeus e latino-americanos *com* lockdowns, não se parece em nada como um argumento a favor dos lockdowns.

Estudos comparativos desse tipo tendem a maximizar números grosseiros, como os do PIB. Eles geralmente não consideram a desigualdade. Isso está se tornando um grande problema. Uma característica da pandemia em alguns países ricos, incluindo as democracias desenvolvidas de língua inglesa (meu foco presente), é que ainda não se observou o colapso econômico amplo que inicialmente foi temido. Os próximos anos, dada a explosão da dívida pública e outros encargos, podem suscitar um novo problema, mas é razoável admitir que um grau de resiliência econômica foi observado. No entanto, considero incontestável nesta fase que a pandemia e seu manejo aumentaram as lacunas entres os ricos e os pobres.[10] Em vez de um colapso geral, o que observamos é um aumento da concentração de riqueza nas mãos das pessoas mais ricas e das maiores empresas [32]. Mesmo deixando de lado os ricos, a história dos lockdowns em grande parte do mundo tem sido aquela em que algumas pessoas (incluindo a mim) não perderam um único salário, enquanto outras foram demitidas ou forçadas a fechar permanentemente os seus negócios.

Em geral, e especialmente nos EUA, as pessoas ricas vivem muito mais do que as pessoas mais pobres – os mais ricos nos EUA vivem de 10 a 15 anos a mais do que os mais pobres [33]. Aparentemente, isso não se

deve principalmente aos diferentes níveis de assistência médica. Diferenças semelhantes, embora menores, são observadas no Reino Unido e na França, que possuem bons sistemas universais de saúde. Robert Sapolsky descreve isso em termos do "impacto psicossocial de ser pobre", um impacto mais marcante em situações em que os outros não são pobres – onde há uma lacuna. A pobreza não se mede apenas pelo nível de consumo, mas também por se ter uma vida mais difícil, insalubre e mais curta.

Terminarei esta seção com alguns pontos adicionais antes de passar para um novo conjunto de considerações.

Primeiro, um argumento comumente usado a favor dos lockdowns é que sem eles o sistema de saúde ficará sobrecarregado. Para evitar isso precisamos "achatar a curva", como as pessoas disseram em 2020. Com efeito, a argumento é em princípio razoável e pode motivar medidas temporárias destinadas a retardar a transmissão, em conjunto com os esforços para aumentar a capacidade do sistema de saúde. Entretanto, o argumento está sendo empregado agora para se justificar restrições aplicadas por períodos longos de tempo. A pressão sobre um sistema de saúde deve ser considerada em conjunto com outros custos e benefícios, e considerada ao lado de possibilidades de abordagens mais leves e voluntárias que possam ser sustentadas por mais tempo com menor dano ao tecido social.

Em segundo lugar, ao vasculhar os modelos usados nesses debates, um tema que foi discutido tanto na filosofia da ciência recente vem novamente à tona quanto em parte das ciências. Na modelagem do tipo que aqui é relevante, não há como fugir da simplificação grosseira do sistema que está sendo estudado, além de que muitos números são definidos com suposições aceitáveis (*educated guesswork*). Isso é inevitável, mas a maneira de lidar com a situação é cobrir uma ampla gama de possibilidades e cenários e acreditar apenas em resultados que são robustos em diferentes modos os cenários são colocados. Um resultado "todos os caminhos levam a Roma" é o que se quer – ou, ao menos, muitos caminhos relevantes. Se alguém trabalha somente com um número, e se esse número não for empiricamente determinado de maneira sólida, isso é preocupante. Idealizar de longe as complexidades da mudança comportamental voluntária, a fim de manter tratáveis os modelos, é um problema relacionado.

Por fim, os debates sobre a mortalidade e os lockdowns são frequentemente seguidos por um apelo à ameaça da "Covid longa", isto é, os efeitos de longo prazo da infecção na saúde. Esta é atualmente outra incógnita, embora alguns relatórios sejam preocupantes. Devemos ser pessimistas e cautelosos com a Covid longa? Bem, então devemos ser

pessimistas e cautelosos sobre as escolas, a desigualdade e muito mais. E uma vez que a discussão política é deslocada para incluir outros efeitos além da morte, não se pode alegar que o raciocínio comum de custo-benefício é superado por um dano especial e mais fundamental. Os efeitos não mortais da Covid estão na mesa com outros danos não mortais. Ao longo do ano passado, infelizmente nos acostumamos com a ideia de que a "preocupação" no caso da Covid motiva medidas extraordinárias, sem precedentes e altamente destrutivas. Dentro desse pensamento, uma vez que nos preocupamos com a Covid longa, os lockdowns estão na mesa.

Estou preocupado com a Covid longa? Sim. Contudo, dado o que sabemos, não basta forçar as pessoas a fechar os seus negócios e impedir as crianças de irem à escola.

Segunda camada: liberdades

Os argumentos acima foram organizados em torno do objetivo da minimização de dano em um sentido utilitarista ampliado. Nas sociedades democráticas liberais, esse tipo de cálculo de custo-benefício geralmente é filtrado por outros princípios. Por exemplo, algumas medidas, mesmo que possam ser geralmente benéficas em seus efeitos, podem maltratar uma minoria ou colidir com os direitos básicos, o que geralmente acarreta as suas exclusões. As medidas podem violar princípios explícitos em documentos como a Declaração de Diretos dos EUA, ou direitos mais protegidos pela interpretação jurídica e a tradição política. Isso se relaciona com as questões de que tipos de poderes a polícia deve ter e como o policiamento de questões menores deve ser tratado. Em sociedades como a nossa, há um conjunto de perguntas sobre como você gostaria que as pessoas se comportassem e outro conjunto de perguntas sobre quais tipos de coerção e incentivo são aceitáveis.

Durante a pandemia, restrições desse tipo foram afrouxadas ou perdidas, em graus variados, em algumas sociedades onde antes eram importantes. O resultado foi a supressão de algumas liberdades básicas. Algumas delas se relacionam com comportamentos cotidianos não políticos – mover-se, reunir-se, visitar pessoas. Esses comportamentos tornaram-se gradualmente atividades políticas – associação por razões políticas, protesto, discurso público. As questões de liberdade também surgem no lado econômico – se você é livre para continuar ganhando a vida através de atividades que não atrairiam atenção ou sanção em tempos comuns.

A discussão desse lado do problema é complicada pelas formas muito diferentes em que esses comportamentos foram realmente restringidos em diferentes lugares ao longo do ano passado. Não há muito problema quando

as "ordens" equivalem a recomendações sem coerção. Em outros contextos, comportamentos que seriam considerados rotineiros hoje atraem multas significativas. Ainda em outros contextos, comportamentos que eram anteriormente tidos como comuns agora desencadeiam prisões com o uso da força e políticas de fiscalização que quebram dramaticamente as expectativas prévias sobre o que a polícia deveria fazer.

Essas diferenças entre sociedades tornaram-se vívidas em razão da correspondência por e-mail depois que publiquei online uma versão inicial deste artigo. Do ponto de vista da vida nos EUA, pode ser difícil aceitar a ideia de receber multas significativas (e prisão se persistirem) devido a comportamentos como sair para caminhar ou se sentar em um banco para comer um lanche para viagem. Os debates sobre "liberdades" relacionados à Covid nos EUA têm se preocupado principalmente com os requerimentos do uso de máscaras e os fechamentos de negócios (e agora também com o requerimento de vacinas, que não considerarei aqui). Os argumentos desta seção são menos relevantes para os EUA, tanto porque as regras têm sido menos intrusivas, quanto porque a polícia parece relutante em interferir nos comportamentos cotidianos de uma maneira que é agora comum em países como Reino Unido, Canadá e Austrália. Os requerimentos do uso de máscara, sensatos ou não, têm efeitos limitados em questões sobre liberdade, ao menos em comparação com o que aconteceu em outros lugares. E embora o fechamento de negócios levante questões sobre liberdade, especialmente em sociedades sem muita rede de segurança, na maior parte desta seção deixarei o aspecto econômico de lado. Estarei preocupado com comportamentos mais cotidianos e alguns tipos de expressão política. Especialmente em áreas urbanas onde a maioria das pessoas que não são ricas vivem em pequenos aposentos, no qual apenas passar o tempo ao ar livre é uma liberdade importante. Assim como visitar e conhecer pessoas. Estes estão relacionados a comportamentos com dimensão política, mas muita das vezes não despertam muito interesse ético ou legal em razão de serem tão basilares para a vida humana.

Onde os comportamentos cotidianos são limitados, a mão pesada leva ao protesto e, por conseguinte, à supressão de comportamentos que normalmente seria impensável penalizar. Na Austrália, como observado acima, uma mulher foi presa por uma postagem no Facebook que incentivava as pessoas a participarem de um protesto anti-lockdown – um protesto explicitamente descrito como incluindo um distanciamento social. Ela foi presa enquanto estava grávida, em casa e algemada.[11]

Durante o lockdown de inverno de 2020-2021 no Reino Unido, as pessoas não foram autorizadas a ficar fora de casa, exceto por uma estreita gama de motivos, como compras essenciais, exercícios, ajuda a pessoas

com necessidades imediatas e alguns outros. Uma multa poderia ser emitida pelo motivo de se associar com mais de uma família diferente fora de uma "bolha de apoio" estabelecida. Doze homens foram multados por jogar dominó juntos em um restaurante fechado. As multas na Inglaterra durante o lockdown mais recente começaram em 200 libras e 32.000 multas foram aplicadas na Inglaterra e no País de Gales entre março e o final de 2020 [35].

Uma vez que os lockdowns se estendem por muitas semanas ou meses, a recusa em permitir a circulação e o contato humano comum é uma grande imposição. Ocasionalmente, as multas do Reino Unido foram emitidas de forma absurda. Duas mulheres que dirigiram 5 milhas, estacionaram separadas, e foram caminhar juntas foram multadas. "A polícia de Derbyshire disse que dirigir para um local para se exercitar 'claramente não está no espírito do esforço nacional para reduzir nossas viagens, a possível propagação da doença e o número de mortes'" [36]. A polícia recuou neste caso após a atenção da mídia.

Na Austrália, quando os lockdowns estão em vigor, as multas são mais pesadas – geralmente mais de 1000 dólares australianos e, mais recentemente, com a conformidade diminuindo, cerca de 5000 dólares australianos – por crimes como lavar o carro, comer fora ou visitar os amigos. Em Victoria, o estado mais urbanizado e politicamente progressista, essas multas foram aplicadas em dezenas de milhares [37]. Isso foi associado a um uso descontroladamente irresponsável das leis existentes, como foi visto com a mulher presa em casa devido à postagem no Facebook, que foi acusada de "incitação".

O ano passado também viu alguns excessos que não são representativos, mas que indicam o que pode acontecer. Em Melbourne (Austrália), 3000 pessoas em moradias públicas foram colocadas sem aviso nos mais duros lockdowns, cercadas pela polícia e sem permissão *alguma* para sair desses arranha-céus por 14 dias, com comida trazida por autoridades, por causa de uma abundância de casos de Covid naquela comunidade (em grande parte de imigrantes). Apesar de o governo do estado ser completamente impenitente – o primeiro-ministro Daniel Andrews disse que: "Tomamos as medidas que os especialistas disseram que eram necessárias para salvar vidas" – este caso provavelmente entrará na história como um dos piores abusos de poder relacionados à Covid em democracias ocidentais [38].

Que tipo de papel esses argumentos sobre liberdades básicas devem desempenhar? Existem algumas maneiras pelas quais eles podem entrar na política. Do ponto de vista de uma forma pura ou "absoluta" de libertarianismo, muitas medidas de lockdown nunca poderiam, em princípio,

ser justificadas. Não concordo com uma visão desse tipo. Essas formas "absolutas" de libertarianismo tendem a cometer um erro filosófico. Eles confundem construções políticas valiosas – direitos e liberdades – com entidades de alguma forma dadas pela própria Natureza. O direito de circular, de expressar opiniões ou de visitar familiares e amigos não é algo concedido pelo universo ou pelas leis da razão humana. Estes são, ao invés disso, normalmente facetas razoavelmente protegidas da vida cotidiana em sociedades como a nossa.

Embora não sejam absolutas, essas liberdades têm um status especial porque são fundamentais para a maneira como vivemos e subjazem outras atividades, como a participação política e o cuidado com os outros. Apesar de algumas dessas liberdades gozarem de proteção legal indireta através de suas manifestações políticas ou por meio do direito penal comum, elas são em muitos casos *tão* básicas e comuns que não parecem estar sujeitas a uma numerosa legislação, e o lado em que estou argumento a favor não é o legal. Meu argumento é baseado no que considero serem as normas e os princípios centrais das sociedades democráticas liberais.

Os argumentos expressos em termos de liberdade são impopulares nos círculos de centro-esquerda, pois estão associados ao libertarianismo econômico, que se opõe à regulamentação ambiental, às medidas que proíbem práticas comerciais discriminatórias e assim por diante. Não defendo argumentos libertários desses tipos; nada disso está sob a mesa. Deixando de lado as versões "absolutas" do libertarianismo, qual é a relação entre os argumentos desta seção e os da seção anterior? Na seção anterior, analisei uma ponderação de danos do seguinte tipo. Por um lado, assumi que a redução da interação entre as pessoas leva a alguma redução na transmissão do vírus. Do outro lado estão os empregos perdidos, as aulas interrompidas, as pequenas empresas falidas e os males característicos do aumento da desigualdade. Agora adicionamos um conjunto de custos que não são de caráter econômico, mas envolvem a supressão de comportamentos que têm um papel integral na característica distinta da vida diária nas sociedades liberais e, em alguns casos, na expressão política. Esses custos (assim como na primeira camada) incluem perigos relacionados ao longo prazo, como o enraizamento de hábitos coercitivos nas autoridades locais que provavelmente levarão a danos contínuos mesmo após o término da pandemia. Os poderes adquiridos tendem a não ser abandonados voluntariamente.

Se o argumento, novamente, se resume a questões de equilíbrio, então vale a pena discutir outras formas de restrição comportamental. E quanto aos toques de recolher que ocasionalmente foram impostos da pandemia? Muitos deles podem ser questionáveis por causa de seu papel

no policiamento excessivo de grupos marginalizados, mas eles não afetam tanto as liberdades com as quais aqui estou preocupado, porque o que é proibido à noite é permitido durante o dia. E quanto ao famoso apagão em áreas urbanas do Reino Unido, como o de Londres, durante a "blitz" da Segunda Guerra Mundial? Esta foi uma tentativa de eliminar toda a luz provenientes das cidades à noite para impedir os bombardeiros alemães. As medidas foram impostas e algumas pessoas acharam que as regras foram longe demais (embora eu ache que essa opinião não era comum). Os danos colaterais incluíram o aumento de acidentes e agressões sexuais. Porém, assim como os toques de recolher, os apagões não eram uma supressão absoluta de movimento, ou mesmo uma restrição significativa de comportamentos como os do tipo que estou tratando. Eles são mais semelhantes aos requerimentos de uso de máscaras do que as regras de lockdown.

Aceito que, em algumas circunstâncias, algumas dessas liberdades possam ser comprometidas até certo ponto, como parte de um equilíbrio maior.[12] Tal como acontece com a interrupção das aulas, importa a duração da suspensão. As medidas que têm importância limitada quando aplicadas por um período de duas semanas são uma questão diferente quando estendidas por meses e quando são reintroduzidas repetidamente. Dentro desse contexto de balanceamento, os efeitos de longo prazo são novamente importantes. É ruim ter uma situação em que a polícia está rotineiramente gastando muito do seu tempo assediando as pessoas por coisas triviais – como reunir-se, encontrar os amigos em casa, caminhar acompanhado e assim por diante. Não queremos muita ação policial direcionada a esses não-crimes. Isso deveria ser extremamente raro, mas agora está se tornando comum e está mudando as relações entre as populações e as suas forças policiais.

É importante lembrar como essas políticas chegaram à mesa. Em uma entrevista de dezembro de 2020, Neil Ferguson, um epidemiologista do Imperial College que tem sido influente nas decisões do governo do Reino Unido, relembrou as discussões no início de 2020 à medida em que a pandemia se espalhava [40]. A ideia de que o lockdown era uma possibilidade genuína em um contexto europeu moderno parecia inicialmente estranha. Então os chineses mostraram que os lockdowns poderiam ser eficazes e os italianos os seguiram: "É um estado comunista de partido único, dissemos. Não poderíamos nos safar com isso na Europa, pensamos.... E então a Itália o fez. E percebemos que podíamos." Comentários semelhantes foram feitos por um colega australiano na mesma época – "Talvez não tivéssemos nem pensado nisso se Wuhan não tivesse feito" [41]. Naqueles primeiros meses, a discussão pública mostrou certa

relutância em seguir esse caminho. Mas a política rapidamente decolou. Suspeito que todos os lados – os a favor e os contra – ficaram surpresos com a disposição das pessoas em concordar com essas medidas. Mesmo no caso do lockdown australiano extremo discutido acima, a maioria das pessoas afetadas o apoiou, de acordo com as pesquisas da época. Nesse lockdown em particular, o isolamento da principal área urbana foi rotineiramente descrito como "anel de aço". O anel de aço? Parece algo vindo de um romance distópico ou de um cenário fascista.

Nesta seção, não discuti muito o lado econômico, mas devemos pensar brevemente sobre esse aspecto da situação, especialmente devido ao desespero das pessoas que observam sua maneira anteriormente incontroversa de ganhar a vida ser suprimida por meses e, em muitos casos, completamente destruídas. Como notado acima, não apoio uma visão uma visão geralmente libertária de questões econômicas, mas o contexto social faz a diferença. É possível organizar uma sociedade com generosas redes de segurança de modo que faça sentido ver a operação da maioria das pequenas empresas como, em certo sentido, opcional. Podemos pedir ao proprietário de um negócio normalmente incontroverso para fechar, em razão de algum benefício social mais amplo, e saber que ele ficará bem. Algumas sociedades são uma aproximação disso, mas apenas algumas. Não é "libertarianismo econômico" pensar que é mais do que um dano financeiro comum forçar alguém a fechar em uma situação com redes de segurança totalmente inadequadas. Em resposta a isso, alguém poderia dizer: "Só precisamos de redes de segurança adequadas!" Isto é bom; tomar esse caminho é transformar uma sociedade de um tipo para outro. É uma mudança grande e, até que realmente isso aconteça, não é uma resposta à pessoa cujo negócio foi fechado.

Em um momento passado, observei que as pessoas sujeitas ao rigoroso lockdown de inverno em Victoria, Austrália, expressaram apoio às restrições em várias pesquisas. O apoio a lockdowns no Reino Unido também parece ter sido alto [42]. Admito que isso representa um desafio para uma posição como a minha. Estou fazendo um apelo pela preservação das liberdades enquanto agimos para reduzir a gravidade da pandemia. Mas e se as pessoas não se importarem tanto com essas liberdades? Minha resposta é tentar persuadi-las a se importar, lembrá-las de que costumavam se importar e destacar as consequências de longo prazo de não se importar.

Terceira camada: aspiração, sentido e medo

Uma das partes mais controversas da literatura anti-lockdown nas redes sociais é a ideia de que não devemos deixar nossas vidas serem comandadas pelo medo, e foi isso o que aconteceu, com o incentivo contínuo de muitos governos e de grande parte da mídia. Alguns pensam que isso é um erro.[13]

Esse não é um argumento de custo-benefício, ou baseado em princípios políticos/morais, mas um ponto sobre a nossa orientação emocional geral para a situação. Uma resposta é que quando algo causa grande dano, você *deve* ficar com medo. No entanto, concordo com a crítica. Este é um problema sério nesta área que tem sido dominada pelo medo alimentado pela mídia. Ele afeta como as crianças são encorajadas a olhar o mundo e afeta todos os tipos de raciocínio que abordam as questões tratadas nas seções anteriores – se os lockdowns causam danos em cadeia e se é razoável o comprometimento com as liberdades.

Outro tema controverso, às vezes uma armadilha para quem fala contra os lockdowns, é a crítica à extensão das medidas que estão sendo tomadas para prolongar a vida das pessoas que já são bastante idosas.[14] A idade média de morte relacionada à Covid nos países desenvolvidos tende a ser em torno de 80 anos, o que se assemelha à expectativa de vida, enquanto a maior parte dos custos dos lockdowns recai sobre os mais jovens. Em resposta, uma pessoa acima ou na expectativa de vida de sua sociedade tende a ter, em média, ainda alguns anos a mais para viver. A "expectativa" não é um limite de tempo. E a ideia de que algumas vidas "valem mais" do que outras é certamente um erro moral.

Uma outra questão relacionada, ainda que discutida com menos frequência, mas ocasionalmente tornada gritante pelos casos, é especificamente relacionada à situação em que se encontram os idosos. Para muitos, é um desastre morrer e enfrentar sozinho, durante muitos meses, o que parece ser a última parte de sua vida, ou grande parte das últimas etapas. Para muitos idosos e pessoas enfermas, o companheirismo e o contato com os entes queridos são fundamentais e muito do que faz valer a pena viver *para*. Vale a pena correr alguns riscos extras se isso significa que você pode permanecer em contato com as pessoas que dão sentido à sua vida. Contudo, essa escolha foi tirada das mãos de muitas pessoas. A decisão de não permitir visitantes em lares de idosos e em muitos ambientes hospitalares certamente foi a fonte de uma grande quantidade de desespero e miséria invisível aos nossos olhos ao longo da pandemia.

De certa forma, essas três questões são muito diferentes – o papel do medo, o papel da idade e a importância do contato humano perto do fim da vida. Porém, elas têm algo em comum. A preocupação com cada uma

delas pode estar associada a uma sensação de que a vida humana tem uma *forma*, um caminho que relaciona os estágios anteriores aos posteriores e uma sensação de que algumas experiências possuem um papel especial em tornar valiosa a vida em estágios específicos – pelo menos para muitas pessoas – e a ideia de que a segurança física não é tudo o que importa.

Esta seção do artigo será sobre considerações desse tipo e como elas afetam o raciocínio das seções anteriores. Essa é uma área em que os *argumentos* desempenham um papel menor do que nas seções anteriores. Uma discussão em sua área é principalmente, embora não inteiramente, uma questão de destacar algumas coisas, torná-las vívidas e perguntar explicitamente sobre considerações que frequentemente são tratadas de maneira mais implícita.

Na "primeira camada" do argumento, dei muito valor à educação no nível K-12[15]. A desvantagem nesta fase pode tornar-se arraigada e possui enormes efeitos tardios. Esta é talvez a questão que me preocupa mais do que qualquer outra, porém alguns estágios posteriores da vida que são menos discutidos têm formas parecidas de importância. Considere a situação das pessoas que deixaram a escola e estão no final da adolescência e na casa dos 20 anos. Esta é uma fase da vida, nas sociedades democráticas desenvolvidas, que tem um papel propriamente distinto. Dois projetos nesta fase são especialmente cruciais. Uma delas é encontrar o início de um caminho para a vida econômica – escolher uma carreira ou explorar um conjunto delas através da educação superior. A outra é encontrar o início de um caminho para o emaranhado que envolve relacionamentos íntimos, sexualidade, família e vida doméstica – descobrir onde se encaixar nesse lado das coisas. Mesmo fora dos lockdowns, mais disso é feito online do que costumava ser, porém no final das contas é preciso conhecer pessoas, interagir e passar um tempo a fim de experimentar possibilidades nessa área.

Essas duas atividades – encontrar o caminho na vida econômica e descobrir onde se encaixar no mundo da parceria romântica e doméstica – têm sido negadas por longos períodos a muitos jovens, com base em algo que representa muito pouco risco para eles. Essas perdas são consequências do fechamento de empresas e espaços públicos, da suspensão do ensino presencial em universidades e faculdades e uma série de outras medidas que reduzem drasticamente a interação habitual e limita a atividade econômica. Imagine a situação de um jovem de 18 anos cujas aspirações estão na área dos esportes competitivos ou das artes cênicas. Esses são casos extremos, porém muitos outros caminhos são afetados em vários graus. Essas perdas no início da idade adulta são mais propensas a serem compensadas com sucesso do que a interrupção da educação em

idade escolar, mas isso ainda é um problema, gerando um fardo de saúde mental e provavelmente levando a uma perda de direção que muitas pessoas encontrarão tardiamente. Na área da escolarização, mas também nesta área, uma das principais responsabilidades dos mais velhos que se estabeleceram e agora detém o poder é manter os caminhos abertos aos jovens, não restringindo e precarizando as suas oportunidades.

A Covid não é o único contexto em que isso importa. O "roubo intergeracional" é um problema próprio do lado econômico e ambiental, um problema agora reconhecido por algumas pessoas influentes (como Elizabeth Warren nos EUA), mas que pode vagar e causar todo tipo de injustiça. A falta de vontade de fornecer algum grau de prioridade aos mais jovens e suas perspectivas durante a pandemia é outro aspecto do mesmo problema.

Ao falar sobre a "forma" de uma vida humana, não estou dizendo que existem coisas específicas que todos devem fazer – um caminho que todos devem seguir, papéis que todos devem tentar ter – e que devemos empurrar as pessoas para caminhos específicos. O ponto tem mais a ver com escolha e autodeterminação. Algumas escolhas centrais da vida são feitas – de maneira contínua, revisável e frequentemente sinuosa – no início da idade adulta. O que os jovens fazem com as suas oportunidades deve dizer respeito a eles. Alguns podem optar por não fazer muito, pelo menos no início, ou não muito que pareça óbvio do lado de fora. Mas eles devem ter a escolha e essas escolhas devem ser protegidas pelos mais velhos que fizeram as suas próprias escolhas e agora estão com o poder e os recursos.

A gravidade deste fator depende muito da duração das restrições impostas aos comportamentos relevantes. Como no caso dos vários problemas discutidos acima, se a interrupção em larga escala durar algumas semanas ou um mês, isso não será um grande problema. E foi aí que começaram as políticas de lockdown. No entanto, uma vez que se estende por um ano, ou mais de um ano, torna-se um problema maior. Dado que este problema é menos agudo em escalas de curto prazo, temo que ele seja o último a ser remediado. Não será surpreendente se muitos jovens perderem algo como dois anos em relação aos tipos de interações e desenvolvimentos que aqui foram descritos. O *The Guardian* publicou em junho de 2021 os resultados de uma pesquisa informal com jovens europeus refletindo sobre o que aconteceu com as suas vidas no último ano [44]: "'Toda a nossa geração acabou de ser deixada de lado como um problema para lidar mais tarde', respondeu um jovem de 17 anos no norte da Inglaterra. Da Alemanha, um jovem de 21 anos escreveu: 'Somos a prioridade mais baixa'. E na França, um jovem de 21 anos disse que se

considerava parte de "uma geração sacrificada.'" Vejo essas respostas como inteiramente razoáveis.

Algumas outras citações vêm repetidamente à minha mente enquanto escrevo sobre este tópico. Uma é do respeitado jornalista australiano Peter Hartcher. A pandemia tem sido um desafio onde, diz ele, "[t]odo o povo teve que aceitar alguns inconvenientes pessoais para o bem comum. Em países bem-sucedidos eles fizeram; nos fracassados, não" [45]. Isso foi uma coisa realmente insensível de se dizer (além de imprecisa, dadas as lutas de lugares como a França). Se você já passou pelos anos de formação chegando até a meia-idade, o seu salário está aumentando ininterruptamente e você está em casa comendo comida gourmet entregue por outras pessoas, então sim, o lockdown pode ser descrito como um inconveniente pessoal. Mas se o seu negócio está arruinado, ou você tem 18 anos e está tentando descobrir que tipo de futuro pode perseguir, isso é muito mais do que isso.

Ao falar sobre os estágios da vida, não quero exagerar as coisas de uma maneira que faça os caminhos da vida parecerem menos flexíveis do que são. Uma pessoa pode acordar aos 70 anos e decidir fazer algo totalmente novo, e depois fazer isso por 20 anos. Mas alguém duvida seriamente das diferenças entre os papéis dos estágios da vida aqui descritos? Acho que ninguém duvida deles; a questão é se devemos incluí-los. Creio que essas considerações deveriam estar na mesa e, como o roubo intergeracional, elas são fáceis de perder de vista.

Não afirmo que *apenas* os lockdowns e restrições relacionadas tenham esses efeitos na vida dos jovens; a pandemia em si mesma tem um efeito. Na ausência de restrições, as atividades que destaquei acima ainda seriam afetadas. Na seção anterior sobre custos e benefícios, observei que uma das razões pelas quais os benefícios dos lockdowns podem ser superestimados nos modelos, deriva da maneira como os modelos idealizam com a ausência da mudança comportamental voluntária. À medida que as condições se tornam mais preocupantes, as pessoas mudam os seus padrões de interação. No entanto, isso não mostra que, na ausência de lockdowns, a mudança comportamental voluntária teria os mesmos efeitos nas atividades dos jovens que os lockdowns induzem. As diferenças entre a vida normal e as condições experimentadas sob, por exemplo, em um lockdown no estilo do Reino Unido-Austrália-França são enormes, com universidades online, a maioria das visitas a amigos proibidas e até a restrição massiva das atividades ao ar livre. É razoável esperar que, por escolha voluntária, os padrões de comportamento dos jovens tenham sido diferentes do normal nos últimos dezoito meses, mas também muito diferentes do que lhes foi imposto.

O meu argumento para alguma priorização dos jovens está relacionado à questão controversa de saber se a vida dos mais jovens pode ser "mais valiosa" do que a dos mais velhos. Muitas versões da pergunta "Algumas vidas têm mais valor do que outras?" são incoerentes, mas há uma questão significativa sobre um ideal, ou um compromisso político, que aqui é apontado. Eu me comprometo com a visão segundo a qual todas as vidas devem receber o mesmo valor em nossa sociedade, mas uma "vida" é algo que se estende, que tem uma forma, incluindo estágios anteriores e posteriores. Dizer que todas as vidas têm, ou deveriam ter, o mesmo valor não é dizer que os mesmos esforços e investimentos devam ser aplicados em todas as fases de todas as vidas. Em vez disso, é dizer que todas essas vidas, cada uma com a sua forma, devem ser contadas igualmente em nossas tentativas de lidar com oportunidades, liberdades, custos, riscos e assim por diante. A preocupação com o roubo intergeracional em questões econômicas e ambientais, novamente, é uma aplicação desse tipo de raciocínio. O roubo intergeracional impede que os anos adultos dos jovens atuais tenham as características desejáveis que as gerações anteriores de adultos desfrutavam. No âmbito da política de saúde, se alguém perguntar quanto devemos gastar para "salvar uma vida", o fato de que "salvar uma vida" é uma descrição errônea do que estamos tentando fazer também se destaca. Todos nós eventualmente morreremos. Nenhuma vida pode ser salva como um todo (exceto no sentido irrelevante na qual algumas ações podem impedir ou facilitar a vinda da existência de uma vida). Essas questões de política de saúde são mais bem perguntadas em relação a *prolongar* e *preservar* vidas. Embora não possamos salvar vidas, podemos salvar *anos* de vida. E uma vez que estamos pensando dessa maneira, devemos nos importar com a idade das pessoas afetadas pelas políticas postas na mesa.

Em seguida, examinarei o papel do próprio medo em afetar as atitudes em relação à Covid no ano passado.

O medo é uma resposta emocional e a doença é assustadora. Não critico aqueles que estão assustados com a Covid, mesmo que tenham feito uma estimativa exagerada de seu risco [46]. Em vez disso, o meu tópico é a alimentação do medo feito pela mídia e pelos governos, as suas tentativas de induzir um nível de ansiedade que vai além do que "veio naturalmente" para muitas pessoas.

Muitas pessoas perceberam, por volta de meados de 2020, o quanto de medo possuem da Covid e, em muitos casos, não acabaram com tanto medo quanto as autoridades locais gostariam. Isso é parte do que motivou as medidas coercitivas discutidas na seção anterior. Envolver-se em brigas de bolas de neve ao ar livre não parece muito perigoso para algumas

pessoas no Reino Unido, por isso torna-se necessário multar em 10.000 libras cada um dos alunos que instigaram a briga de bolas de neve [47]. Também se levou ao encorajamento contínuo e exagerado do medo pela grande mídia.[16] Isso tem as suas próprias consequências para o estresse e o bem-estar, especialmente quando as crianças internalizam a atmosfera encharcada de medo ao seu redor, e espero que isso também leve a uma degradação da confiança nas fontes mainstream de informação.

O *New York Times*, provavelmente a organização de mídia impressa mais importante do mundo, fornece exemplos. Por mais de um ano, o texto a seguir introduziu uma seção do *New York Times* chamada "Em Casa": "Podemos estar nos aventurando do lado de fora, hesitantemente (*tentatively*) ou com propósito, mas com o vírus ainda com força, *ainda estamos mais seguros dentro*" (ênfase minha). Esse texto foi finalmente retirado em maio de 2021 [49]. O The Times também gastou um bom espaço em como apresentar as informações sobre as vacinas. 'Então, que mensagem as pessoas deveriam ouvir? 'Vai salvar a sua vida – é aí que a ênfase agora deve estar', disse o Dr. Peter Hotez, do Baylor College of Medicine, ao The Times." [50]. Essa é a opinião do Dr. Hotez, um indivíduo, mas o Times agora citou de modo aprovado duas vezes esta mensagem, com meses de intervalo [51]. Muitas pessoas sabem que se você tem menos de 60 anos e está saudável, a vacina provavelmente não vai "salvar a sua vida" porque, em primeiro lugar, você não corre muito risco. As vacinas são uma conquista médica incrível e atualmente estão fazendo muito bem, mas este comunicado é aparentemente um caso de tolerância deliberada ao exagero para empurrar para casa um efeito desejado.

Esses problemas com as mensagens baseadas no medo não estão inerentemente ligados a questões sobre a "forma" das vidas humanas, embora eu veja uma ligação no foco implacável no risco.

Aqui está um resumo dos principais temas desta seção. Em sociedades do tipo discutido aqui, a adolescência e os 20 anos de uma pessoa são muitas vezes os anos em que começam a moldar as suas aspirações. Isso é um projeto, e idealmente um prazer, daqueles anos. Quando estamos muito mais velhos, algo que é especialmente valioso é manter o contato com as pessoas que foram partes importantes da jornada que começou décadas atrás. Um dos problemas com as políticas da Covid em muitas sociedades é que ambas estas atividades foram frustradas, agora por longos períodos, através da redução das oportunidades para os jovens e do impedimento das pessoas em idades que demandam cuidado em manter o contato com aqueles que são importantes para elas. A razão nominal para isso tem sido evitar os riscos e preservar as vidas, e embora estas sejam metas que valem a pena, elas não são tudo.

Essas considerações não pretendem fornecer um argumento independente, mas condicionar os argumentos anteriormente discutidos. Ao considerar os custos e benefícios dos lockdowns (camada 1), a limitação da aspiração se torna um dano real. Este é um complemento às questões mais duras sobre o ensino fundamental e médio; pretendo encorajar uma reponderação dos fatores de modo que, na mistura de considerações sobre a mesa, seja atribuída a nossa responsabilidade de não limitar a vida dos jovens. Em relação à camada 2, uma das liberdades que vale a pena considerar é a liberdade de viver de uma maneira um pouco mais arriscada do que os outros venham a escolher, especialmente perto do fim da vida. A objeção será que os comportamentos mais arriscados de uma pessoa criam riscos para outras, quer gostem ou não. Isso é um problema, mas não é insuperável. Aqueles que querem ser menos cautelosos devem ter alguma margem de manobra. Essa margem de manobra pode ter pequenos efeitos residuais sobre os cautelosos, mas uma preferência não se sobrepõe à outra; deve haver um equilíbrio.

Na seção anterior, discuti a possibilidade de um argumento contra os lockdowns que é bastante "puro" baseado em liberdades, embora não o endossasse. Poderia haver um argumento baseado puramente no terceiro conjunto de considerações também? Se assim fosse, provavelmente não seria um que eu endossaria. Uma demasiada preocupação com a forma adequada de uma vida humana, sem que isso seja filtrado por uma preocupação maior com a autonomia, pode recair em uma espécie de perfeccionismo autoritário (*você deve viver assim!*). Em vez disso, vejo esse terceiro conjunto de fatores como modulando o nosso pensamento sobre as escolhas políticas dentro de um contexto democrático no qual as liberdades e a autodeterminação são levadas a sério.

Esse é o fim da camada 3. Encerrarei com uma breve consideração sobre alguns dos temas que até agora não foram abordados.

Uma é a questão que envolve a especialização. Os críticos de lockdowns cujos campos estão fora da epidemiologia e da medicina, como eu, foram criticados por não estarem dispostos a "seguir a ciência" e "ouvir os especialistas". Em áreas da presente crítica em que detalhes médicos e epidemiológicos são especialmente relevantes, sou cauteloso. Mas se fôssemos criticar todos aqueles que expressam opiniões fora de suas áreas de especialização, deveríamos criticar qualquer epidemiologista que faça prescrições sobre políticas de uma maneira que dependa de valores básicos, ou de questões sobre os efeitos políticos da desigualdade, ou os interrompimentos da educação das crianças, e assim por diante. Os campos relevantes para estas questões incluem virologia, epidemiologia, saúde pública, biologia evolutiva, economia, filosofia política e muitos outros.

Especialmente quando o policiamento e a educação estão sendo transformados, este é um problema de toda a sociedade.

Algumas pessoas podem pensar que, uma vez que vamos além das questões estritamente biológicas e médicas, a "especialização" não é real, e particularmente as questões sobre valores básicos são meramente uma questão de opinião pessoal. Não concordo com isso, mas mesmo que fosse verdade, cada um *possui* uma opinião que é relevante; isso não seria um argumento para deixar as questões serem resolvidas pela especialidade científica dos epidemiologistas somando-se as *suas* opiniões pessoais sobre o quão importante é a desigualdade, as liberdades cotidianas e assim por diante. O problema da Covid, dadas as suas facetas, é mais bem abordado por meio de uma troca de muitas vozes entre pessoas com diferentes perspectivas e diferentes tipos de especialidade.

Com base em muitos anos pensando e escrevendo sobre questões biológicas, faço algumas suposições empíricas. Presumo que o SARS Cov-2 continuará a evoluir, assim como outros vírus. Algumas variantes provavelmente escaparão das vacinas atuais, tanto em relação à transmissão (como está sendo visto atualmente) quanto à doença. Por esse e outros motivos, a erradicação do vírus provavelmente não é possível e a meta de "Covid zero" é irrealista. Em partes do mundo em desenvolvimento, a Covid não é de importância primária, em parte porque essas populações são mais jovens, porque outros problemas de saúde são mais prementes e talvez por razões mal compreendidas envolvendo o próprio vírus. Além disso, o SARS Cov-2 possui muitos reservatórios animais em potencial. Sabe-se que uma grande gama de mamíferos foi infectada – gatos, cães, martas, gorilas. Os animais provavelmente permanecerão sendo locais de evolução contínua do vírus.

Também vale a pena um tema mencionado no início: a politização dos debates sobre a política de Covid. A visão anti-lockdown está institivamente associada à direita política na mente de muitas pessoas. Rejeito novamente qualquer associação do tipo. É um fato lamentável que a preocupação com as liberdades tenha sido cada vez mais marginalizada nos últimos anos na esquerda mainstream, e esse realinhamento pré-existente interage com os debates sobre os lockdowns. Por outro lado, a preocupação com a desigualdade econômica e o crescente domínio de alguns grandes negócios, o foco na educação pública e a preocupação com os efeitos desastrosos das políticas atuais no mundo em desenvolvimento ainda são temas de interesse da centro-esquerda, e é mais nova a sua negligência durante a pandemia.

Um fator relacionado a essa dimensão política, mas com um papel positivo, é a maneira como o enfrentamento da Covid gerou uma

solidariedade considerável em muitas comunidades. A sensação de um problema compartilhado e a partilha do sacrifício são generalizadas. A oposição aos lockdowns talvez possa ser vista como uma rejeição dessa valiosa conquista social emocional. Minha resposta é que o lado positivo dessa mudança psicológica não precisa estar vinculado às políticas aqui contestadas. Querer incentivar e preservar a atmosfera de cooperação não implica o fechamento de escolas e o abuso do poder administrativo. De fato, uma abordagem mais voluntarista e menos coercitiva da situação pode impulsionar esse senso de solidariedade.

Este artigo foi escrito em etapas a partir de dezembro de 2020. Um correspondente me disse, depois que a primeira parte foi postada online em janeiro de 2021, que provavelmente estamos perto do fim da crise, e talvez eu devesse posicionar o artigo de forma a tocar mais sobre pandemias futuras. Meu correspondente estava no Reino Unido, que se encontrava em confinamento e só emergiu completamente das restrições seis meses depois. O problema não diminuiu tão rapidamente. A probabilidade de novas cepas aparecerem por meio da evolução viral em andamento também permanece, e não sabemos o que o próximo inverno do norte pode trazer. Ainda assim, concordo que parte da mensagem é como podemos fazer melhor da próxima vez. Tanto no caso da própria Covid quanto nesses desafios futuros, precisamos ser mais responsivos aos custos dos lockdowns, especialmente dado os seus benefícios limitados vistos ao longo do ano passado, e precisamos ser mais conscientes do valor das liberdades no domínio do comportamento cotidiano. Também precisamos reagir às crises com um senso mais forte de nossa responsabilidade para com os jovens, com um reconhecimento do que faz a vida continuar sendo valiosa para muitos idosos e uma resistência em deixar o medo tomar todas as decisões.

Notas

[1] Nota dos tradutores.: O presente artigo foi originalmente publicado em *Monash Bioethics Review*, v. 40, pp. 17-39, 2022. DOI: https://doi.org/10.1007/s40592-021-00140-6. Os números entre colchetes remetem às fontes listadas abaixo em "Referências".

[2] Este ensaio foi escrito e publicado online e em etapas entre o final de 2020 e meados de 2021. A presente versão inclui atualizações à luz das mudanças nas condições. Atualmente, não está claro se essa discussão será aplicável sobretudo à próxima crise desse tipo que enfrentamos – caso a pandemia desapareça nos próximos meses – ou se permanecerá sendo relevante (infelizmente) para um problema ainda em andamento. Gostaria de agradecer a Rob Bezimienny pelas

discussões detalhadas e valiosas desses tópicos, e também agradecer a Gigi Foster, Euzebiusz Jamrozik, Kim Sterelny, Charles Rathkopf, Jessie McCormack, Jacob Benson, Anya Plutynski, Jacob Stegenga e vários outros correspondentes. Dois pareceristas anônimos desta revista fizeram comentários úteis ao penúltimo rascunho.

[3] Olhando de volta para a Declaração, os redatores talvez parecessem mais preocupados com que as pessoas de baixo risco vivessem normalmente do que, como eu disse acima, tentando retardar a propagação do vírus e proteger os sistemas de saúde através de medidas que não são muito destrutivas em outros aspectos. Mas o princípio geral de "proteção focada", em oposição à restrição indiscriminada, é algo que apoio.

[4] A partir daqui abreviarei – "Covid", ao invés de "COVID-19" ou "Covid-19".

[5] Esses números de fatalidade não cobrem a variante Delta. Atualmente, parece claro que a variante Delta é mais infecciosa que a cepa original, mas não está claro se ela causa doenças mais graves. Esses números de fatalidade também pressupõem que a pessoa infectada não foi vacinada.

[6] Para críticas ao presente artigo (em uma versão anterior) que inclui essa visão, confira [9], eu respondo em [10]. Algumas organizações encorajam explicitamente que em mensagens se evite o termo "lockdown" (e. g., a American Medical Association [11]). Em contraste, o termo tem sido usado com frequência nas publicações do Reino Unido, onde este governo tem um site intitulado: "Coronavírus: Uma história das leis de lockdown inglesas" [12].

[7] Assim, aqui discordo de Lipstich que, em comentários sobre essa questão [14], cita com aprovação Trichopoulos e Adami [15]: "Quando o risco real ou presumido envolve agentes transmissíveis, como os príons que causam a encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca), nenhuma precaução, por mais extrema que seja, pode ser considerada excessiva." Essa atitude muitas vezes será razoável, mas não quando as precauções em questão tiverem custos próprios que são difíceis de prever e podem ser enormes, especialmente quando prolongados por longos períodos.

[8] [17] confira também [18, 19]; este último estudo encontrou apoio para o uso de máscaras, mas não para lockdowns. O artigo anterior, no qual citei, cobriu os oito primeiros meses de 2020. Confira [20] para um apanhado detalhado de estudos sobre lockdown.

[9] Confira [28]: a Itália e o Reino Unido estão em um canto com os piores resultados em ambas as medidas, e a Coreia do Sul e Taiwan estão no outro canto com os melhores resultados em ambas as medidas. Confira também [29]: "Nenhum sinal de trade-off entre economia e saúde, muito pelo contrário.... Em oposição à ideia de trade-off, vemos que os países que sofreram as crises econômicas mais severas – como o Peru, a Espanha e o Reino Unido – estão geralmente entre os países com a maior taxa de mortalidade por COVID-19.... E o inverso também é verdadeiro:

os países onde o impacto econômico foi modesto – como Taiwan, Coreia do Sul e Lituânia – também conseguiram manter a taxa de mortalidade baixa."

Taiwan teve agora um lockdown que começou em maio de 2021, após o final do período relatado das discussões criticadas acima. A Coreia do Sul é ocasionalmente descrita como tendo lockdowns, mas mesmo as suas restrições de "nível 4" são muito mais brandas do que as observadas nos lockdowns dos estilos realizados por Reino Unido/França/Austrália. Por exemplo, no nível 4, os filmes e shows não são permitidos após às 10 da noite. Os restaurantes e cafés têm lugares limitados e só podem ser retirados depois das 10. As escolas são remotas. Não há ordem para ficar em casa [30].

[10] Confira [31]: "Um relatório do banco suíço UBS descobriu que os bilionários aumentaram a sua riqueza em mais de um quarto (27,5%) no auge da crise de abril a julho, assim como milhões de pessoas ao redor do mundo perderam os seus empregos ou estavam lutando para conseguirem entrarem em programas do governo."

[11] Confira [34]. O post no Facebook pela qual Zoe Buhler foi presa dizia: "PROTESTO PACÍFICO! Todas as medidas de distanciamento social serão seguidas... Por favor, usem máscara....".

"O Primeiro-Ministro Estadual, Daniel Andrews, defendeu a prisão, dizendo que os protestos minavam os esforços de saúde pública.... 'Agora não é a hora de protestar sobre nada. Porque fazer isso não é seguro.'".

[12] Confira [39] para uma discussão detalhada sobre os diferentes tipos de liberdade em questão nesta situação, e um argumento de que algumas dessas liberdades só devem ser suprimidas por motivos muito mais fortes do que os disponíveis neste caso.

[13] Exemplos no twitter incluem a Dra. Kulvinder Kaur (@dockaurG) e a A. J. Kay (@AJKayWriter).

[14] Confira [43] para um crítico sofisticado dos lockdowns que entra em dificuldades neste ponto.

[15] N. T.: K-12 é uma expressão anglófona que se refere ao período escolar que vai do jardim de infância ao 12° ano.

[16] Aqui está o Diretor de Saúde da NSW (Austrália), Dr. Kerry Chant: "Precisamos lembrar que estamos continuamente sob ameaça e nunca voltaremos ao normal" [48].

Referências

1. https://gbdeclaration.org/
2. https://coronavirus.jhu.edu/ [Acessado em setembro de 2021]
3. https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6928e1.htm [Dados até maio de 2020]
4. https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/birthsdeathsandmarriages/deaths/adhocs/12376averageageofdeathmedianandmeanofpersonswhosedeathwasduetocovid19orinvolvedcovid19bysexdeathsregistereduptoweekending2october2020englandandwales [Dados até outubro de 2020]
5. https://www.health.gov.au/resources/publications/coronavirus-covid-19-at-a-glance-4-july-2021 [Dados até julho de 2021]
6. WOOLF, S. H.; CHAPMAN, D. A.; SABO, R. T.; ZIMMERMAN, E. B. Excess deaths from COVID-19 and other causes in US, March 1, 2020, to January 2, 2021. *JAMA*, v. 325, n. 17, pp. 1786-1789, 2021. doi:10.1001/jama.2021.5199
7. O'DRISCOLL, M.; RIBEIRO DOS SANTOS, G.; WANG, L. et al. Age-specific mortality immunity patters of SARS-CoV-2. *Nature*, v. 590, pp. 140-145, 2021. https://doi.org/10.1038/s41586-020-2918-0
8. https://www.nytimes.com/2021/01/02/opinion/sunday/2020-worst-year-famine.html
9. AKÇAY, E. Against 'Covid Heterodoxy': Open review of AUTOR, 2021. 2021.
10. GODFREY-SMITH, P. Reply to Akçay. 2021. https://petergodfreysmith.com/wp-content/uploads/2021/08/Reply-to-Akcay-PGS-2021.pdf
11. https://www.ama-assn.org/system/files/2021-02/covid-19-vaccine-guide-english.pdf [Acessado em setembro de 2021]
12. https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-9068/
13. BIRCH, J. Science and policy in extremis: the UK's initial response to COVID-19. *European Journal for Philosophy of Science*, v. 11, 2020. https://doi.org/10.1007/s13194-021-00407-z
14. LIPSITCH, M. Good science is good science. Boston Review, 12 de maio de 2020. https://bostonreview.net/science-nature/marc-lipsitch-good-science-good-science

15. TRICHPOULOS, D.; ADAMI, H. O. Cellular telephones and brain tumors. *New England Journal of Medicine*, v. 344, n. 2, pp. 133-134, 2001. DOI: 10.1056/NEJM200101113440209
16. https://www.nytimes.com/2020/12/24/us/remote-learning-student-income.html
17. DE LAROCHELAMBERT, Q.; ANDY, M.; JULIANA, A.; LE BOURG, E.; TOUSSAINT, J. Covid-19 mortality: A matter of vulnerability among nations facing limited margins of adaptation. *Frontiers in Public Health*, v. 8, 2020. https://doi.org/10.3389/fpubh.2020.604339
18. CHAUDHRYA, R.; DRANITSARISB, G.; MUBASHIRC, T.; BARTOSZKOA, J.; RIAZIA, S. A country level analysis measuring the impact of government actions, country preparedness and socioeconomic factors on COVID-19 mortality and related health outcomes. *EClinicalMedicine*, v. 25, 2020. https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100464
19. LEFFLER, C. T.; ING, E.; LYKINS, J. D.; HOGAN, M.; MCKEOWN, C. A.; GRZYBOWSKI, A. Association of country-wide Coronavirus mortality with demographics, testing, lockdowns, and public wearing of masks. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, v. 103, n. 6, pp. 2400-2411, 2020. https://doi.org/10.4269/ajtmh.20-1015
20. ALLEN, D. W. Covid lockdown cost/benefits: A critical assessment of the literature. 2021. https://www.sfu.ca/~allen/LockdownReport.pdf
21. https://twitter.com/martinmckee/status/1411068941481435138
22. https://www.statista.com/statistics/525353/sweden-number-of-deaths/ [Acessado em setembro de 2021]
23. https://www.statista.com/statistics/1109011/coronavirus-covid19-death-rates-us-by-state/ [Acessado em setembro de 2021]
24. https://ourworldindata.org/coronavirus/country/sweden [Acessado em outubro de 2021]
25. GRAFTON, R. Q.; PARSLOW, J.; KOMPAS, T.; GLASS, K.; BANKS, E. Health and economic effects of COVID-19 control in Australia: Modelling and quantifying the payoffs of 'hard' versus 'soft' lockdown. 2020. https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.08.31.20185587v1.full.pdf

26. KOMPAS, T. GRAFTON, R. Q.; CHE, T. N.; CHU, L.; CAMAC, J. Health and economic costs of early and delayed suppression and the unmitigated spread of COVID-19: The case of Australia. *PLoS ONE*, v. 16, n. 6, 2021. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0252400
27. MILES, D.; STEDMAN, M.; HEALD, A. Living with COVID-19: Balancing costs against benefits in the face of the virus. National Institute Economic Review, v. 253, 2020. https://doi.org/10.1017/nie.2020.30
28. https://www.bcg.com/en-us/publications/2020/why-its-not-too-late-to-contain-the-virus
29. https://ourworldindata.org/covid-health-economy
30. https://www.reuters.com/world/asia-pacific/south-korea-raise-covid-19-curbs-highest-level-seoul-says-pm-2021-07-08/
31. https://www.theguardian.com/business/2020/oct/07/covid-19-crisis-boosts-the-fortunes-of-worlds-billionaires
32. https://www.nytimes.com/2021/01/01/upshot/why-markets-boomed-2020.html?action=click&module=Top%20Stories&pgtype=Homepage
33. https://newrepublic.com/article/153870/inequality-death-america-life-expectancy-gap
34. https://www.bbc.com/news/world-australia-54007824
35. https://www.bbc.com/news/explainers-52106843
36. https://www.bbc.com/news/uk-england-derbyshire-55594244
37. https://www.theguardian.com/australia-news/2020/aug/26/victoria-police-issue-almost-20000-fines-for-covid-19-breaches-during-pandemic
38. https://www.nytimes.com/2020/12/17/world/australia/melbourne-lockdown-covid-human-rights.html?smid=tw-share
39. WINSBERG, E.; BRENNAN, J.; SURPRENANT, C. W. How government leaders violated their epistemic duties during the SARS-CoV-2 crisis. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 30, 2020. https://kiej.georgetown.edu/leaders-violated-epistemic-duties-special-issue/
40. https://www.thetimes.co.uk/article/people-don-t-agree-with-lockdown-and-try-to-undermine-the-scientists-gnms7mp98

41. https://www.smh.com.au/national/victoria/how-we-beat-covid-part-one-the-way-in-20201210-p56mdr.html
42. https://www.standard.co.uk/news/politics/lockdown-boris-johnson-yougov-poll-b680047.html
43. https://www.theguardian.com/law/2021/jan/17/jonathan-sumption-cancer-patient-life-less-valuable-others
44. https://www.theguardian.com/world/2021/jun/02/a-sacrificed-generation-psychological-scars-of-covid-on-young-may-have-lasting-impact
45. https://www.smh.com.au/national/pandemic-exposes-global-fault-lines-and-how-australia-rose-above-them-20201211-p56mn4.html
46. https://www.brookings.edu/research/how-misinformation-is-distorting-covid-policies-and-behaviors/?preview_id=1316949
47. https://www.independent.co.uk/tv/editors-picks/social-distancing-ignored-in-mass-snowball-fight-in-leeds-park-xS9KoD2X
48. https://www.smh.com.au/national/nsw/no-open-and-shut-case-nsw-playing-the-long-game-against-the-virus-20210101-p56r75.html
49. https://www.nytimes.com/2021/05/29/travel/a-farewell-from-at-home.html
50. https://www.nytimes.com/2021/01/18/briefing/donald-trump-pardon-phil-spector-coronavirus-deaths.html
https://www.nytimes.com/2021/03/02/opinion/covid-vaccine-coronavirus.html

Bibliografia

AKÇAY, E. Against 'Covid Heterodoxy': Open review of AUTOR, 2021. 2021.

ALLEN, D. W. Covid lockdown cost/benefits: A critical assessment of the literature. 2021. https://www.sfu.ca/~allen/LockdownReport.pdf

BIRCH, J. Science and policy in extremis: the UK's initial response to COVID-19. *European Journal for Philosophy of Science*, v. 11, 2020. https://doi.org/10.1007/s13194-021-00407-z

CHAUDHRYA, R.; DRANITSARISB, G.; MUBASHIRC, T.; BARTOSZKOA, J.; RIAZIA, S. A country level analysis measuring the impact of government actions, country preparedness and socioeconomic factors on COVID-19 mortality and related health outcomes. *EClinicalMedicine*, v. 25, 2020. https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100464

DE LAROCHELAMBERT, Q.; ANDY, M.; JULIANA, A.; LE BOURG, E.; TOUSSAINT, J. Covid-19 mortality: A matter of vulnerability among nations facing limited margins of adaptation. *Frontiers in Public Health*, v. 8, 2020. https://doi.org/10.3389/fpubh.2020.604339

GODFREY-SMITH, P. Reply to Akçay. 2021. https://petergodfreysmith.com/wp-content/uploads/2021/08/Reply-to-Akcay-PGS-2021.pdf

GRAFTON, R. Q.; PARSLOW, J.; KOMPAS, T.; GLASS, K.; BANKS, E. Health and economic effects of COVID-19 control in Australia: Modelling and quantifying the payoffs of 'hard' versus 'soft' lockdown. 2020. https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.08.31.20185587v1.full.pdf

KOMPAS, T. GRAFTON, R. Q.; CHE, T. N.; CHU, L.; CAMAC, J. Health and economic costs of early and delayed suppression and the unmitigated spread of COVID-19: The case of Australia. *PLoS ONE*, v. 16, n. 6, 2021. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0252400

LEFFLER, C. T.; ING, E.; LYKINS, J. D.; HOGAN, M.; MCKEOWN, C. A.; GRZYBOWSKI, A. Association of country-wide Coronavirus mortality with demographics, testing, lockdowns, and public wearing of masks. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, v. 103, n. 6, pp. 2400-2411, 2020. https://doi.org/10.4269/ajtmh.20-1015

LIPSITCH, M. Good science is good science. Boston Review, 12 de maio de 2020. https://bostonreview.net/science-nature/marc-lipsitch-good-science-good-science

MILES, D.; STEDMAN, M.; HEALD, A. Living with COVID-19: Balancing costs against benefits in the face of the virus. National Institute Economic Review, v. 253, 2020. https://doi.org/10.1017/nie.2020.30

O'DRISCOLL, M.; RIBEIRO DOS SANTOS, G.; WANG, L. et al. Age-specific mortality immunity patters of SARS-CoV-2. *Nature*, v. 590, pp. 140-145, 2021. https://doi.org/10.1038/s41586-020-2918-0

TRICHPOULOS, D.; ADAMI, H. O. Cellular telephones and brain tumors. *New England Journal of Medicine*, v. 344, n. 2, pp. 133-134, 2001. DOI: 10.1056/NEJM200101113440209.

WINSBERG, E.; BRENNAN, J.; SURPRENANT, C. W. How government leaders violated their epistemic duties during the SARS-CoV-2 crisis. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 30, 2020. https://kiej.georgetown.edu/leaders-violated-epistemic-duties-special-issue/

WOOLF, S. H.; CHAPMAN, D. A.; SABO, R. T.; ZIMMERMAN, E. B. Excess deaths from COVID-19 and other causes in US, March 1, 2020, to January 2, 2021. *JAMA*, v. 325, n. 17, pp. 1786-1789, 2021. doi:10.1001/jama.2021.5199

Received/Recebido: 17/07/2021
Approved/Aprovado:01/09/2022